

} 1.6.

O Teatro da Encarnação Possibilidades de encontros e afetos*

Marcelo Ramos Saldanha**

Era uma vez um Rei que convidou o mundo inteiro para sua festa. Nessa festa, o convite era um dom, fruto de sua graça e não um direito conquistado por poucos. Um dia, alguns dos convidados, que também eram discípulos desse rei muito sábio, repreenderam as crianças que se amontoavam ao redor do dono da festa, desejosos por ouvir as belas histórias sobre o seu reino. Esses discípulos acreditavam que, assim como na sinagoga, o reino do Senhor das parábolas devia ser um sério ambiente de debates teológicos. Festa, brinquedo e questionamentos infantis não poderiam fazer parte desse reino. Afinal, que absurdo! Crianças atrapalhando o Mestre.

Se não foi fácil para os discípulos aceitarem as crianças bagunçando seu equilibrado universo teológico, imagine aceitá-las como modelo dos habitantes da bela cidade do Mestre. Isso seria loucura! Mas o grande contador de histórias, rei da fantasia e da imaginação, não se preocupou com esses pensamentos e continuou ensinando seus ouvintes dizendo: «Eu lhes asseguro que, a não ser que vocês se convertam e se tornem como crianças, jamais entrarão no Reino dos céus» (Mateus 18.3). Ele não apenas escandalizou o sisudo conceito de reino presente na mente dos seus discípulos,

* Esta pesquisa foi desenvolvida com apoio da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, do Brasil.

** Universidade da Beira Interior.

mas afirmou que sem as crianças não há festa em seu reinado. Todos devem tornar-se como elas. Afinal, só entrarão no banquete real aqueles que forem capazes de sentar aos pés do contador de parábolas e, com olhos cheios de encanto, ouvir a sabedoria, envolta em beleza e poesia, fluindo de seus lábios.

Essa história, que traz um olhar sobre as palavras de Cristo, nos introduz ao espírito do teatro que desejamos apresentar, o Teatro da Encarnação, uma prática artística e missionária desenvolvida pelo autor em seu labor pastoral, e crescida na relação entre o teatro de bonecos, a teologia e pedagogia latino-americanas¹ e a fenomenologia da Vida de Michel Henry em resposta ao modelo de missão cristã centrada no adulto e na assimilação dogmática. Para tanto, apresentaremos alguns aspectos e contribuições desse teatro em diálogo com a filosofia e o teatro que lhe dão nascedouro, entendendo que a sua apresentação no âmbito desse colóquio ilustra o quão frutífero pode ser a influência de Michel Henry sobre a prática missionária, nomeadamente, aquela que tem como paradigma o encontro entre humanos.

Do teatro boalino ao teatro encarnado

Sob a visão de uma dupla encarnação na figura do boneco², o Teatro da Encarnação busca ser uma manifestação corpopropriada³ do lúdico infantil, onde o adulto e a criança são seres que dialogam num espaço de significados compartilhados e de mútua afetação. Nesse espaço, corpo e afetos não

¹ A Teologia Latino-Americana engloba as muitas faces da Teologia da Libertação, a Teologia da Missão Integral, de viés evangélico, e a Teologia Pública em sua vertente latina.

² A dupla encarnação pode ser entendida através de dois caminhos complementares. Em primeiro lugar, é dupla porque diz respeito aos pares dialógicos, no caso, os universos infantil e adulto, representados pelos respectivos atuantes. Em segundo lugar, por trazer em si dois referenciais de encarnação: o da Teologia da Libertação, que define a encarnação como manifestação histórica da *Kenósis*, onde o humano encarna, no sentido de inculturação, a realidade de outro humano, tendo por exemplo a ação amorosa do Cristo encarnado. E também a definição proposta por Michel Henry, que compreende que a Vida vem a nós numa carne, essa substância fenomenológica primordial, que nos constitui, nos singulariza e faz de nós viventes. Ambas as vias trazem consigo os elementos fundamentais deste teatro: o diálogo, a partilha e o afeto como caminho para o encontro de saberes.

³ Acerca do conceito de corpopropriedade, em língua portuguesa, Maristela Vendramel Ferreira (USP), Andrés Eduardo Aguirre Antúnez (USP) e Florinda Martins (UCP) desenvolvem uma frutífera pesquisa acerca da noção de corpopropriedade e da clínica da modalização do afeto; em língua francesa, Benoît Kanabus (UCL-FNRS) desenvolve a relação entre corpo, trabalho e saúde – o que demonstra a riqueza de diálogos provenientes desse conceito henryano.

são distintos, como nos faz crer a artificial dicotomia entre corpo material e corpo subjetivo, tese tão antagônica à encarnação. O corpo é entendido como co-proprietário na vida; portanto, é nele que a impressão da Vida se nos dá, e não por meio da posse de conceitos abstratos, pois a vida não é coisa e não está separada do vivente para ser capturada por meio da abstração. Assim sendo, esse teatro constrói-se para além do texto e da apresentação de uma obra a ser apreciada. Ele enfatiza a interação dos corpos – dos atores e dos bonecos – e convida-nos à compreensão mais extensa da realidade, tendo a afetividade como fundamento radical das relações entre os atuantes.

Esse teatro encarnado é uma variante do teatro de animação direta⁴, sendo uma manifestação artística que mantém enorme semelhança com o ato de brincar, o que nos permite o encontro do mundo concreto do adulto com a hermenêutica lúdico-sincrética da criança, criando no chão teatral um palco compartilhado, onde não existe o distanciamento do teatro aristotélico⁵. Nesse espaço, os saberes próprios da Vida nos saltam aos olhos, na autodoação da Vida a nós, construindo um universo simbólico rico em experiências, onde ambos podemos nos ver como seres nascidos na vida, num lugar/momento kenótico de múltiplas possibilidades de interação e transformação.

O Teatro da Encarnação deve ser entendido, não como uma técnica teatral, mas sim como uma vivência teatral, uma espécie de variação do Teatro

⁴ Quando falamos em teatro de animação, estamos a falar de um vasto universo de linguagens artísticas nascidas da relação entre corpos do(a) ator/atriz e do boneco. Podemos dividir esse universo – que por sinal vai além do que podemos abordar nessa pesquisa – em grupos de técnicas que são o teatro de máscaras, o teatro de sombras, o teatro de bonecos e, por fim, o teatro de objetos e/ou formas. A técnica do teatro de animação direta insere-se de forma mais apropriada nos dois últimos grupos, já que nela o boneco é animado diretamente, sem fazer uso de cordas, varas ou qualquer outro recurso de manipulação, mantendo assim maior similaridade com o ato de brincar.

⁵ A base do sistema aristotélico de coerção teatral consiste em intimidar o espectador, inibindo sua participação no espetáculo e o conduzindo à reflexão, para assim eliminar suas “más” tendências. Através da narrativa de ascensão, queda e transformação do herói por meio da catástrofe, Aristóteles buscava conduzir o espectador ao reconhecimento de seus próprios erros e à purificação de sua *hamartía* (Boal, 1980: 50). Augusto Boal, em seu livro *Teatro do Oprimido*, critica a passividade do espectador no teatro tradicional, entendendo-a como uma aliada das formas de opressão ideológica. Segundo Boal, o teatro aristotélico construiu um poderosíssimo sistema poético-político de intimidação do espectador, estabelecendo uma parede entre o palco e o público. Sua aversão ao modelo aristotélico levou-o a declarar que “o espectador, ser passivo, é menos que um homem e é necessário re-humanizá-lo, restituir-lhe sua capacidade de ação em toda sua plenitude” (Boal, 1980: 180). Por isso, a obra de Boal subverterá até mesmo a etimologia da palavra “teatro” (*thea*, olhar com interesse; e *tron*, donde; ou seja: o local de onde se vê), propondo um teatro sem barreiras entre quem atua e quem assiste.

de Augusto Boal⁶, em especial do seu Teatro do Oprimido⁷, de onde retiramos respaldo técnico e teórico para construir esse teatro relacional que aqui apresentamos. Logicamente, o teatro boalino, nessa experiência teatral, fundiu-se com a fenomenologia da Vida de Michel Henry, sendo por ela potencializado, o que nos permite pensar no Teatro da Encarnação como algo que vai além dos postulados de Boal.

Do Teatro do Oprimido retiramos duas contribuições. A primeira e principal contribuição está na dissolução da barreira entre palco e plateia. Essa diluição de fronteiras é fundamental para que exista a encarnação e a relação entre atuantes. Sem essa diluição, as relações de hierarquia permanecem e, com isso, diminui-se a impossibilidade de interação entre os saberes adultos e infantis, mantendo a unilateralidade que facilmente dá espaço à teoria da *tabula rasa*⁸ ou à versão artística da educação bancária⁹.

A segunda contribuição se dá na técnica do ator coringa. Um sistema que emprega um ator, o coringa, que atua como uma personagem onisciente que interage na peça, explicando, alterando a ação dramática, criando interações entre os atores e os espectadores, permitindo que o segundo grupo participe da encenação, rompendo a parede invisível que separa uns dos outros. Como o Teatro da Encarnação busca na animação direta de objetos sua expressão artística, efetuamos a ampliação dessa técnica ao incluirmos o boneco na ação do ator coringa. Ao fazermos isso, convertemos o boneco num potente mediador de realidade, permitindo ao adulto a constante busca pela fala do seu companheiro de cena. Por isso, são importantes as técnicas de Boal e sua aplicação no teatro de animação, especificamente aquele que se destina ao

⁶ Augusto Pinto Boal nasceu no Rio de Janeiro em 1931, falecendo na mesma cidade aos 78 anos, cidade onde trabalhou e desenvolveu uma linguagem teatral única, o Teatro do Oprimido, que espalhou-se pelo mundo como uma original expressão do teatro de resistência. Coursou teatro na School of Dramatic Arts, Universidade de Columbia, em Nova York. Foi diretor, autor, dramaturgo e principal líder do Teatro de Arena de São Paulo entre 1956 e 1970.

⁷ No início dos anos 1970, sob a influência da *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire, Augusto Boal escreveu seu livro *Teatro do Oprimido*. Em seu livro, Boal expande a discussão brechtiana sobre a participação do espectador no teatro político e apresenta algumas bases teóricas do teatro que estava sendo construído comunitariamente.

⁸ Aristóteles, fazendo alusão às tabuas cobertas de finas camadas de cera, usadas como suporte para a escrita na Roma Antiga, propunha que a mente humana é como uma tábua, ou papel em branco, que, por não possuir qualquer noção prévia, está passível e carente de ensino. Essa ideia foi negativamente explorada por muitos educadores para justificar a imposição de conteúdos sem considerar qualquer conhecimento ou sabedoria prévia por parte do educando.

⁹ A educação bancária é uma versão pedagógica da teoria da *tabula rasa*. Ela, de forma hierárquica, faz distinção entre quem ensina e quem aprende, criando a ideia de que o professor, numa atitude de superioridade, deposita no aluno seus conhecimentos, cabendo a este o papel passivo de "aprendiz". Cf. Freire, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

público infantil. Ao incluirmos o boneco na atuação do ator curinga obtemos, de forma direta, dois resultados: na criança, possibilitando a sua fala e o seu protagonismo; no adulto, conduzindo à encarnação da realidade esquecida da infância. Quando aprofundamos mais a relação entre o boneco e o ator curinga, deslocando o papel de curinga do ator/atriz para o boneco, abrimos a possibilidade de a criança assumir o papel de facilitadora da atuação, atuando por meio do boneco. O que só acontecerá se mantivermos sempre aberto o convite para a brincadeira, anulando assim a necessidade de animações complexas ou bonecos com excesso de articulações. Por isso, em todo o momento, a criança é convidada a atuar e não são exigidas sofisticadas animações, mas sim ricas interações, tanto com o boneco quanto com o humano com quem se atua. Na cena, as crianças podem contribuir com seus brinquedos e objetos trazidos do cotidiano para o palco, bastando, para serem animados, que tais objetos estejam cheios de significados, capazes de, no brincar teatral, tocar a nossa alma por meio do reconhecimento das digitais da Vida em nós.

A via kenótica e as possibilidades do afeto

«Deus, para falar de si, tornou-se homem. Falar sobre Deus é falar sobre um homem. A palavra se fez carne. Nosso irmão. Um de nós. Nasceu, viveu, morreu...»

Rubem Alves (1982: 26)

Quando meninos e meninas brincam com seus bonecos, estão a construir mundos, universos sensíveis, que dão razão às palavras de Nicolau Evreinov quando diz que somos «seres essencialmente teatrais» (Evreinov, 1956: 35). Por certo o somos, e é por isso que, tanto para o animador, quanto para a criança, não há bonecos em sua pura materialidade, há sim super-heróis em suas fantásticas aventuras, bailarinas encantando o mundo com a leveza de seus movimentos, enfim, personagens cheios de vida e possibilidades, e não objetos vazios. Essa relação animista, cheia de vida, pode ser exemplificada pelas palavras de Henrique Sitchin, animador da Cia. Trucks, quando nos conta que:

«Houve o menino, bem pequenino, que mordeu bem forte a amiga na escola e guardou segredo dos pais, mas contou o fato, em mínimos detalhes, e um tanto envergonhado, ao ouvido do boneco; houve a menina que chorou de saudades do pai, ao perguntar ao boneco se ele teria um pai. Houve outra menininha que ia ao teatro em todos os finais de semana, pois sentia muitas e muitas saudades de colocar o boneco em seu colo, e lhe contar das aventuras

da semana. Houve centenas de crianças que choraram junto com o boneco, quando este foi posto de castigo pela mãe. Houve o meu primeiro filho a travar longas conversas com um bonequinho que tínhamos em casa. Mirando fixamente os olhos do boneco, ele interagia com ele como se eu não existisse ali. No entanto, eu, o papai, cansado, de súbito abaixo o boneco e digo: "Meu filho, agora chega, pois o papai está cansado". Gabriel tira os olhos do boneco e, aos dois anos e meio, me repreende com firmeza: "Vai, pai, mexe o boneco!!!" Seus olhinhos viram-se instantaneamente para o títere, à espera que retome instantaneamente à vida. Houve tantas histórias...¹⁰.

Essa narrativa encarnada faz um contraponto com outra narrativa, a da barbárie, apresentada por Henry ao afirmar que:

«Os humanos afastados da Verdade da Vida mergulham nos enganos, nos prodígios em que a vida é negada, ridicularizada, troçada, simulada, ausente. Os humanos entregam-se à insensibilidade; seres humanos cujo olhar é um imenso vazio. [...] Os humanos são substituídos por abstrações, entidades econômicas, lucros e dinheiro. Os humanos são tratados matematicamente, informaticamente, estatisticamente, contados como animais, sendo tidos em menor apreço do que estes» (Henry, 1998: 277).

Essa barbárie nos rouba a humanidade, essa vivência coletiva da ilusão transcendental do ego, renega a essência subjetiva e invisível do ser humano, fazendo com que o sensível, o lúdico, os saberes da carne sejam atrofiados. Segundo Wondracek, «crescemos no conhecimento científico, mas encolhemos no conhecimento da Vida e sua verdade» (Wondracek, 2010: 274). Ainda citando a mesma autora, podemos perceber algumas das consequências da barbárie nos relacionamentos humanos:

«A tradição ética e étnica, a cultura e a arte, o espiritual e o saber dos ancestrais já não são considerados fontes de vida. Os mais idosos, justamente por não acompanharem o saber técnico, são relegados pela sociedade e considerados incapazes de ensinar qualquer conteúdo válido aos mais novos. Com isso se produz um grande hiato entre as gerações, que impede o enraizamento de adolescentes e jovens na sua bagagem cultural. Desta forma, na sua orfandade étnica, ética e estética, tornam-se presa fácil de ideologias consumistas ou totalitárias» (Wondracek, 2010: 274).

¹⁰ Sitchin, Henrique. *O teatro de animação e as crianças*. Disponível na Internet: <<http://www.culturainfancia.com.br>> Acesso em 4 maio, 2013.

Gilberto Safra, mesmo que não use a linguagem henryana, comenta essa barbárie ao refletir sobre o desenraizamento do humano, manifesto numa cultura que

«já não mais reflete a medida humana. Recriar o mundo e o campo social torna-se mais complicado, porque, pela invasão da técnica como fator hegemônico da organização social, o ser humano só mais raramente encontra a medida do seu ser, que permita o estabelecimento do sentido de si a cada um dos níveis de realidade para a constituição e o devir de seu ser» (Safra, 2004: 10).

Nesse império tecnológico, das muitas velocidades, onde o tempo é medido pelo paradigma da instantaneidade e do acúmulo desordenado de informações, o ser humano, erroneamente tomado como fonte de si, se vê perdido, sem pátria. Afinal, seu *êthos* está na Vida e não em si. Sem chão o ser humano desenraizado tem dificuldade de encontrar-se com seus iguais, pois tem dificuldade de encontrar-se a si mesmo no tempo e espaço que, como humano, necessita.

O ser humano, iludido pela crença de ser o gerador de si, embrenha-se no pântano da hiperpreocupação consigo mesmo, um processo que nos faz cada vez mais distantes da Vida, como explica Henry: «Quanto mais o ego exerce o seu poder, aprofundando a sua experiência pela concreção do esforço despendido neste exercício, mais a si atribui a fonte do poder e mais se esquece da vida» (Henry, 1998: 88). Lutero, em seu conceito de *Incurvatus in se ipsum*¹¹ fala do ser humano em pecado como num estado de ensimesmamento, preso numa visão umbilical e debruçando-se sobre si mesmo, o que faz com que se feche para os outros e para Deus. Quanto mais o ego se distancia da vida, mais se projeta para o que lhe é visível, externo, mundano. Essa projeção para o que nos é externo nos retira a graça das relações profundas, atrofiando nossa capacidade de compreender a lógica da carne. A barbárie nada mais é do que o humano sendo roubado de si. Dessas muitas manifestações de desumanização, promovidas pelo esquecimento da nossa fonte originária, nasce a emergência de superarmos essa condição de esquecidos da vida. Essa urgência é um clamor por salvação, por relações que nos conduzam ao gênesis de nós mesmos, à Vida. Mas como essa superação ocorre? Como a salvação nos toca?

Essa salvação acontece em nossa carne e no saber sensível que a ela pertence. Não é por meio de um ensinamento duro, por vezes atrofiado, apresentado como pura verdade do mundo, que a salvação nos toca, nem mesmo pela

¹¹ Em latim: encurvatura para dentro de si mesmo.

técnica, a deusa do nosso século. Somos salvos, sim, no sofrer e no prazer, na dor e na alegria, enfim, no sentir a vida nos tocando. Este sentir, ou ainda, esse perceber-se sentindo, é que nos salva, numa graça¹² que não conseguimos expressar em plenitude. Por isso, a função primordial desse teatro não é a de servir de meio de catarse ou de recurso pedagógico para educadores ou missionários, mas sim de ser instrumento de sensibilização de humanos congregados numa comunidade mediada e dialógica onde a salvação ocorre seguindo o caminho do *pathos* divino, no «congregar de todas as coisas em Cristo» (Efésios 1.10), restaurando o equilíbrio original que foi perdido na história humana por meio do pecado, o que nos faz perceber que o mergulhar na paixão divina é o único caminho. Mergulho que não ocorre no claustro, mas na comunidade. Por isso, comunhão e partilha de vida são mais importantes que transmissão de conteúdos dogmáticos. Na experiência da salvação, somos libertados de nós mesmos, da doente preocupação do ego consigo mesmo. Mas como ser libertos do egoísmo que gera a neurótica preocupação consigo sem estar em comunidade? Não há como. Por isso, o Teatro da Encarnação é vivido em comunidade, um espaço de existências compartilhadas, onde noções de dominação e superioridade são trocadas pelas de comunhão e companheirismo, e, principalmente, onde as crianças e o(a) missionário(a) encontram-se com o Bom Pastor que media o encontro num aprisco onde as leis da barbárie não encontram demanda para se impor. É no ritmo de nossa carne e de nossa corporeidade que os vivos se tocam mutuamente, permitindo-se ser moldados pelo Deus oleiro que não cessa de nos tocar e de doar-se a nós como fruição infinita que sustenta e dá sentido a nossa existência. É nesse toque que ambos, crianças e adultos, são salvos.

O teatro como comunidade de afeto e encontros

Em *Eu sou a Verdade*, Michel Henry expõe em sua interpretação do evangelho de João um olhar fenomenológico da parábola do bom pastor (João 10). Nessa interpretação filosófica, Henry nos introduziu ao conceito de comunidade movida pelo *pathos*. Henry salienta elementos-chave da parábola,

¹² Graça (*charis* em grego) é uma expressão que pode ser «encontrada cinquenta e cinco vezes no Novo Testamento, das quais dois terços nos escritos do apóstolo Paulo». Seu sentido básico é o de favor, falando do favor divino, sempre imerecido por parte do receptor. Para Paulo, a graça relaciona-se intimamente com «os outros temas que lhe são centrais como salvação (Efésios 2.5, 2 Timóteo 1.9, Tito 2.11), justificação (Romanos 3.24, 5.16, 18, Tito 3.7) e fé (Romanos 4.16, Filipenses 1.29, 1 Timóteo 1.14)». Linden, Gerson. *Graça*. In: *Dicionário Brasileiro de Teologia* (a partir de agora DBT), p. 463.

indicando características dessa comunidade que ajudarão a contribuir para o que denominamos de espaço kenótico. Vejamos, então, alguns aspectos da análise henryana da parábola joanina e como tal análise ajuda-nos na fundamentação teológica do espaço de partilha.

A primeira característica da comunidade do aprisco é a sua relação exclusiva com o bom pastor. Nessa relação, só Cristo é a porta que nos dá acesso ao nosso eu e Ele, apenas Ele, nos dá acesso às outras ovelhas do aprisco. Cada eu transcendental vivo é mediado pelo cuidado do arqui-Filho. Nessa comunidade, não há relação com a Vida Absoluta que não seja por meio de Cristo, pois foi Ele, o cordeiro que foi morto antes da fundação do mundo, que se abriu como porta para que tivéssemos acesso à paternidade/maternidade de Deus. Os apóstolos Pedro (1 Pedro 1.20) e João (Apocalipse 13.8) fazem coro com esta percepção teológica, ao afirmarem que o Filho precede a criação. Essa preexistência de Cristo e sua mediação na criação são afirmadas no prólogo joanino por meio de um paralelismo antitético¹³, edificado em degraus, usando variações do pronome *hoûtos* (ele) nos três primeiros versos do prólogo joanino. João assim apresenta esse paralelismo: "Ele" (*hoûtos*) estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas "por ele" (em grego: *di'autoû*) e "sem ele" (*chois autoû*) nada se fez de tudo o que foi feito (Niccacci, 1985: 34-36.). Se o logos divino nos fala de uma lógica originária e criativa da Vida, o cordeiro, cuja morte precede a criação, fala-nos do Cristo encarnado antes da história, possibilitando, assim, a existência de toda carne. Afinal, «o Arqui-Filho não é só o Caminho que conduz os viventes à Vida. Ele é este Caminho porque foi o Caminho, num sentido ainda mais originário. Antes de ter conduzido os viventes à Vida, ele conduziu a Vida até os viventes» (Henry, 1998: 80). É por isso que podemos concordar com Michel Henry quando diz que «é impossível tocar alguém sem tocar Cristo» (Henry, 1998: 72), já que Ele é o doador de nossa carne, bem como mediador entre os seres encarnados.

O segundo aspecto diz respeito à tentativa de buscar outra forma de entrada no aprisco que não seja por Cristo, a porta. Somos filhos e filhas por meio do Arqui-Filho, e qualquer outra tentativa de acesso à família divina nada mais é do que o engodo de tentar pular os muros do aprisco, como fazem o ladrão e o salteador. Pois foi a entrega amorosa de Cristo (João 10.18) no calvário armado pelos maldosos deste mundo (Mateus 21.33-46), que abriu-nos a

¹³ No paralelismo antitético, a rima de ideias é feita por meio de um contraste de ideias ou imagens. Nesse caso, o contraste é feito entre afirmação e negação, usando, para isso, as variações do pronome *hoûtos*, principalmente os dois últimos casos: feito por ele e sem ele. O Evangelista usa uma afirmação negativa (sem ele) para enfatizar outra positiva (feito por ele).

porta da comunhão, o ajuntamento dos humanos tocados pela vida. Os ladrões e salteadores são os autossuficientes que, por isso, não compreendem a relação mediada por Cristo com Deus e com as demais ovelhas do aprisco. Sua arrogância faz deles seres que veem, de forma profunda, a si mesmos como geradores de vida; por isso, caem no esquecimento de sua condição de filhos no Filho e entendem que essa condição deve ser comum a todo o ser humano. São seres esquecidos da Vida e também propagadores desse esquecimento.

Na comunidade do aprisco o *pathos* divino, manifesto no Cristo encarnado e, principalmente, no Cristo da cruz, é o paradigma relacional. Cristo deixou-se tocar pela dor dos crucificados (Zwetsch, 2007: 313). Por isso, nele encontramos a nossa dor e por meio dele encontramos nosso próximo. Quando uma comunidade é mediada por Cristo, tal mediação ocorre na paixão de vivermos dores conjuntas e alegrias em comum, numa eucaristia do afeto que nos leva a identificarmo-nos com Cristo, identificando-nos com nosso próximo. Pois, numa vida comunitária, onde o ego não recebe status de senhor, abandonamos a idolatria do deus apático e passamos a construir relações à sombra da cruz do Deus apaixonado.

Nessa comunidade vale a ética das relações, onde olhar o outro e compreender o seu espaço de fala é mais importante do que fortalecer o ego autossuficiente. Trata-se de uma relação onde o nosso olhar é mediado, onde encontrar-se com outro ser humano também é encontrar-se com Cristo (Mateus 25.40). Aliás, segundo o pensamento henryano, pode-se afirmar que este encontro é mediado por Cristo, na Vida. Assim como Cristo não viu sua deidade, elemento que lhe é essencial, como um obstáculo para a comunhão, em uma comunidade marcada pela imitação da *kénosis* o eu não é barreira para nossa doação ao outro. Essa verdade é de fácil assimilação quando vemos nosso eu como dádiva e não como conquista dos exercícios do nosso poder. Se não damos vida a nós mesmos, por que não fluir na Vida?

No aprisco do cuidado não é a exterioridade da assimilação dogmática, mas a experiência interna do vento que entra em nós, moldando nossa alma no ofício do oleiro, que nos traz a realidade de sermos filhos e filhas de Deus. Nessa experiência histórica se dá a experiência da salvação, na renúncia do eu como fonte da vida, e o caminhar para doação de nós mesmos na participação da *kénosis* divina¹⁴.

¹⁴ A nossa participação da *kénosis* não se dá de forma plena, mas indireta. A *kénosis* é uma ação que se dá entre o Pai e o Filho, sendo uma ação de Deus em favor de nós. No entanto, o convite de Paulo, na epístola aos Filipenses, é de imitarmos a Cristo, assumindo em nossa humanidade a semelhança da atitude de Cristo em sua renúncia. Assim, embora a *kénosis* faça parte da economia trinitária, sendo uma relação *ad intra*, possui aspectos que são cumpridos na igreja, o corpo de Cristo.

Quando defendemos a supremacia dos afetos sobre a transmissão doutrinária, nasce em nossa mente a pergunta: será que, nessa visão relacional, há lugar para o anúncio da salvação? A resposta é sim. O evangelho sentido também é evangelho ouvido, mas ouvido em diálogo que chama e compromete, e não simplesmente como uma nova doutrina. O Teatro da Encarnação se baseia na interação dos sentidos. O toque, o movimento em cena, a fala e a escuta são as bases da relação entre as pessoas no palco compartilhado, aqui com destaque para as crianças. Se a criança é amordaçada, o monólogo adulto não comunica vida, somente ideias, fazendo com que a contextualidade se desfaça. Mas, quando a conversa existe, a mediação de Cristo acontece e ambos ouvem e falam da palavra de Deus. O Senhor das parábolas fala nas histórias criadas entre adultos e crianças e esse é o nosso conceito de proclamação.

Vejam algumas bases para justificarmos tal possibilidade de interpretação. Nas 75 vezes que a palavra *euangélion* se repete no Novo Testamento, ela indica o «cumprimento da promessa de Deus, de enviar seu Filho Jesus Cristo para salvar e redimir toda a humanidade» (DBT: 420). Essa é a essência do Evangelho, a vinda de Cristo a nós. Por isso, entendemos que a evangelização transcende o *kérigma* (palavra falada), envolvendo a *martyria* (viver, testemunhar) e a *diakonia* (obras de serviço), buscando os muitos contextos do domínio salvador de Cristo. A vivência dos sinais do Reino de Deus, aqui e agora, também integra a obra da evangelização, mesmo que não o seja na plenitude ou o seja em parte.

Cristo é o *Kyrios* (Atos dos Apóstolos 2.36), o Senhor, o soberano sobre toda a criação, aquele que é capaz de unir em si o finito e o infinito, sendo a unidade do humano e divino. Assim sendo, só podemos conceber a evangelização a partir dessa noção de soberania que nos une e que nos permite proclamar «Cristo como senhor e salvador, por cuja obra o ser humano é liberto tanto da culpa como do poder do pecado, integrando-se ao propósito de Deus de colocar todas as coisas sob o mando de Cristo» (Padilla, 1992: 23). Mas essa proclamação não precisa ser necessária ou exclusivamente verbal, podendo acontecer de forma relacional, priorizando a ação de Cristo na obra evangelizadora. O senhorio de Cristo não é dado pela igreja, que na proclamação afirma Cristo como *Kyrios*, mas pelo próprio Senhor que se manifesta o tempo todo como sustentador e salvador do mundo. Portanto, a evangelização não precisa submeter-se aos jogos de poder e dominação presentes no antigo paradigma missionário, podendo caminhar na direção da valorização do outro, pois, se Cristo é Senhor, seu reinado manifesta-se segundo a sua vontade salvadora (1 Timóteo 2.3s), seguindo a lógica do amor (João 3.23) que nos conduz, pelo caminho do afeto, a servir uns aos outros (Lucas 14.11; Mateus 18.1-5).

O anúncio das boas novas de salvação, segundo esse paradigma relacional, consiste, num primeiro momento, no garimpar da revelação divina, buscando compreender os sinais da presença de Deus e de sua revelação na vida da criança, para só depois dedicar-se à fala ou ao anúncio, e mesmo assim, entendendo esta como fala dialógica. Não é a conversão a uma religião que está no centro da missão, mas sim a amizade, pois o Reino de Deus é feito de amigos e não de súditos (João 15.15). E se no Reino somos amigos, nossa relação de evangelização necessita ser respeitosa. Logicamente, podemos aqui estabelecer uma relação recíproca entre conversão e amizade, já que Paulo afirmava que pelo ministério da reconciliação a inimizade contra Deus é transformada em amizade com Deus e entre as pessoas (Efésios 2.11ss). Esta nova relação não deixa de ser uma transformação radical ou uma conversão, neste sentido.

Como então ocorrerá essa evangelização respeitosa? Ela ocorrerá no aconchego da subjetividade de outro humano. Gilberto Safra ensina-nos que:

«O ser humano, a fim de que possa acontecer e emergir como si mesmo, precisa iniciar seu processo de constituição a partir de uma posição, de um lugar. Esse lugar não é um lugar físico, é um lugar na subjetividade de um outro. [...] não existe o ser humano sem o outro» (Safra, 2004, p. 9, também para a citação seguinte).

E ainda:

«Não basta, para a humanização do bebê, que o mundo esteja pronto com suas estéticas, com seus códigos, com seus mitos. A criança precisa, por seu gesto, transformar esse mundo em si mesma. É preciso que o mundo, inicialmente, seja ela mesma, para que ela possa apropriar-se dele e compartilhá-lo com outro».

Só assim, permitindo que a criança interaja e tome nosso mundo para si, é que ocorrerá o respeito na evangelização. Não basta miniaturizar nossas igrejas ou as incluímos nas práticas dos sacramentos para dizermos que as aceitamos; é preciso uma abertura de vida tão plena que permita aos pequenos serem agentes do Reino de Deus, sujeitos capazes de agir e modificar, de forma segura, o meio onde estão inseridos, sendo acolhidos não apenas em prédios e estruturas bonitas, mas em corações abertos para receber a Cristo na relação com as crianças.

Na criação de *Adam* foi em Deus que o primeiro ser humano encontrou seu lugar de encontro consigo mesmo, um espaço de construção do eu. O mundo já estava construído, já havia uma estética. No entanto havia, ainda, espaço para a atuação deste adulto-criança. *Adam* não nasceu apenas do modelar de seu corpo físico,

mas sim, da interação dos sentidos, no sopro vivificador de *Elohîms*. Como *Adam*, carregamos em nós a necessidade de nos encontrarmos num lugar de partilha e interação. Para que exista evangelização dos pequenos, portanto, «é preciso olhar e ouvir a criança, tentando trazê-la para o centro das nossas conversas sobre Deus».

Conclusão

Na vivência do Teatro da Encarnação, a criança, o boneco e os adultos não estão sozinhos no palco. Deus atua com eles: interage, sopra e movimenta-se (João 3.8) na liberdade que lhe é própria. Esse Deus não pode identificar-se com o deus sisudo das pregações fundamentalistas. Ele é um Deus brincante, capaz de animar bonecos e, principalmente, de estar próximo, junto a nós. No Teatro da Encarnação a *missio* não despreza o lúdico, antes o incorpora como elemento de fala e de revelação da Vida.

O Deus brincante é o Jesus menino, capaz de sentir em sua carne a magia de animar bonecos e inventar histórias. Aqui podemos fazer referência a uma palavra já extinta do nosso português, a palavra *estória*, para dizer que Cristo encarnado na história gestou estórias que nos convidaram a brincar em Seu Reino. Sim, brincar! Porque brincar é vivência séria e complexa. Daí a dificuldade que missionários e missionárias têm em voltar ao brinquedo, esquecendo-se, ao menos no momento da brincadeira, do dever de ser adulto. Para evangelizar no espaço kenótico, os adultos terão de reaprender a leveza da brincadeira e despir-se da adulez engessada, para assumir uma adulez generosa e aberta, capaz de brincar e, na brincadeira, aprender novamente a ser ou tomar-se crianças.

O Cristo missioneiro foi na terra um Deus brincante, uma criança envolta nos laços da imaginação, mas que, quando adulto, no sério ministério missionário, manteve a também muito séria capacidade de imaginar. Suas parábolas são a prova disso. Uma parábola é diferente de uma pregação. Esta tem objetivos muito bem definidos, que devem ficar claros ao ouvinte, pois será baseado neles que o ser humano, alvo da pregação, tomará supostamente suas decisões. Aquela, no entanto, tem a sua base no efeito causado. Mentens determinadas pela exclusiva lógica racional tendem a deter-se demasiado nos detalhes, perdendo a visão global e o efeito imediato causado pela parábola, não entendendo o sentido profundo das palavras de Cristo. Para entendermos um Cristo imaginativo, é necessário sabermos imaginar¹⁵, brincar e ser criança, para, assim, podermos ter os olhos encantados pelo brilho das parábolas.

¹⁵ Sobre a relação entre missão, teologia e imaginação, cf. ZWETSCH, 2007: 329, onde o autor fala da *imaginação criativa* como uma das tarefas da teologia.

Referências

- ALVES, Rubem. *Creio na ressurreição do corpo: Meditações*. Rio de Janeiro: Cedi, Tempo e Presença, 1982, p. 26.
- BOAL, A. *Teatro do oprimido e outras poéticas políticas* [1974]. 2.ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- BORTOLLETO FILHO, Fernando et alii (orgs.). *Dicionário Brasileiro de Teologia*. 1.ª ed. São Paulo: ASTE, 2008.
- EVREINOV, Nicolás. *El teatro en la vida*. Buenos Aires: Leviatan, 1956.
- HENRY, Michel. *Eu sou a verdade: Para uma filosofia do cristianismo*. Tradução de Florinda Martins. Lisboa: Vega, 1998.
- _____. *Encarnação: Por uma filosofia da carne*. Tradução de Florinda Martins. Lisboa: Círculo de Leitores, 2001.
- _____. *Palavras de Cristo*. Tradução de Florinda Martins. Lisboa: Colibri, 2003.
- NICCACCI, Alviero; BATAGIA, Oscar. *Comentário ao Evangelho de São João*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- PADILLA, René. *Missão Integral: Ensaio sobre o reino e a igreja*. São Paulo: FTL/Temática, 1992.
- SAFRA, Gilberto. "A fragmentação do éthos no mundo contemporâneo". In: NOÉ, Sidnei Vilmar (org.). *Espiritualidade e saúde. Da cura d'almas ao cuidado integral*. 2.ª ed. São Leopoldo: Sinodal, 2004.
- SITCHIN, Henrique. *O teatro de animação e as crianças*. Disponível na Internet: <<http://www.culturainfancia.com.br>> Acesso em: 4 maio. 2013.
- WONDRACEK, Karin H. K. *Ser nascido na Vida: A fenomenologia da Vida de Michel Henry e sua contribuição para a clínica*. 2010. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação da Faculdades EST, São Leopoldo, 2010.
- ZWETSCH, Roberto E. *Missão como com-paixão. Por uma teologia da missão em perspectiva latino-americana*. Tese (Doutorado). São Leopoldo: EST, 2007.